



A RISADA DA BRUXA OU A BRUXARIA DA PALHAÇA: um ensaio sobre possíveis diálogos entre o feminino e o feminismo

RACHEL ALVES ALENCAR

Performer, palhaça e diretora do Clownciência. Professora efetiva da Rede Estadual de Ensino do Ceará (SEDUC-CE), licenciada em Inglês pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA); Especialista em Audiovisual pela Universidade Federal do Ceará e em Gestão e Coordenação pela FALC. Possui formação profissional em Palhaçarias pela Vila das Artes (Fortaleza-CE). Atualmente, é Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, orientada pela professora Dra. Nina Caetano.

RESUMO

Este ensaio visa compreender os possíveis diálogos entre o feminismo e o feminino, a partir da reflexão de uma artista sobre os caminhos do seu processo criativo em artes cênicas, desenvolvido durante Laboratório de Criação na Universidade Federal da Bahia (UFBA). O objetivo é apresentar momentos em que tanto o feminino quanto o feminismo orientaram a criação de uma dramaturgia com ênfase na comicidade feminina, que buscava questionar as narrativas patriarcais sobre a sexualidade das mulheres, tendo como inspiração o material autobiográfico da própria artista-pesquisadora e a mitologia da Deusa Lilith. A partir dos estudos de Virginia Woolf (2014), Silvia Federici (2017, 2019), Joice Aglae Brondani (2020, 2022), Mirella Faur (2016) e Barbara Koltuv (2017), propõe-se um diálogo sobre as concepções acerca do feminino e as teorias feministas. Além disso, este ensaio apresenta reflexões originadas a partir de leituras, imagens arquetípicas de deusas, músicas de artistas nordestinos e fotografias do cotidiano, que integraram o processo criativo para o *Sarau Criar Vozes Narrar Mulheres*.

PALAVRAS-CHAVE:

Feminino. Feminismo. Comicidade feminina. processo criativo. Artes cênicas.

THE WITCH'S LAUGH OR THE CLOWN'S WITCHCRAFT: an essay on possible dialogues between the feminine and feminism

ABSTRACT

This essay aims to understand the possible dialogues between feminism and the feminine, based on an artist's reflection on the paths of her creative process in the performing arts, developed during the Creation Laboratory at Federal University of Bahia (UFBA). The objective is to highlight moments in which both the feminine and feminism guided the creation of a dramaturgy with an emphasis on female comicity, seeking to challenge patriarchal narratives about women's sexuality. The work draws inspiration from the research-artist's autobiographical material and the mythology of the Goddess Lilith. Based on the studies of Virginia Woolf (2014), Silvia Federici (2017, 2019), Joice Aglae Brondani (2020, 2022), Mirella Faur (2016), and Barbara Koltuv (2017), this essay proposes a discussion on conceptions of the feminine and feminist theories. Additionally, it presents reflections arising from readings, archetypal images of goddesses, songs by Northeastern Brazilian artists, and photographs of everyday life, all of which were integrated into the creative process for Sarau Criar Vozes Narrar Mulheres.

KEYWORDS:

Feminine. Feminism. Female comicity. Creative process. Performing arts.



INTRODUÇÃO

Este Ensaio nasce do desejo de compartilhar as sincronicidades que marcaram minha vida durante o Laboratório de Criação, orientado pela professora Meran Vargens, no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC/UFBA), pois elas se entrelaçaram profundamente com minha pesquisa, despertando em mim um questionamento: onde está a linha que separa o feminismo do feminino nos processos criativos em artes cênicas?

Sabe-se que existem inúmeras divergências entre os pensamentos sobre o feminino e as teorias feministas, como aponta Márcia Tiburi (2018):

Todas as vezes que as mulheres se tornaram indesejáveis ou inúteis, perigosas ou desobedientes, elas foram perseguidas e mortas. E toda essa perseguição e violência foi sustentada pelo discurso misógino. Sempre é mais fácil odiar mulheres do que homens, mesmo quando eles seriam muito mais odiáveis do que elas.

Para docilizar as pessoas marcadas como mulheres, foi inventado o “feminino”. O feminino é o termo usado para salvaguardar a negatividade que se deseja atribuir às mulheres no sistema patriarcal. Elogiado por poetas e filósofos, o feminino nada mais é do que a demarcação de um regime estético-moral para as mulheres marcadas pela negatividade.

Entre o elogio do caráter feminino e o feminismo há um abismo estético, ético e político, um abismo antropológico que reproduz questões teológicas. Podemos nos perguntar se o elogio do feminino, tal como ele é desenhado na lógica patriarcal, serve para esconder o ódio que se tem às mulheres e ao feminismo (Tiburi, 2018, p. 49-50).

Concordo com o pensamento de Tiburi e estou consciente de que a imagem do feminino construída pelo patriarcado tem o objetivo de controlar a desobediência das feministas, ocultar o ódio direcionado às mulheres e inúmeros outros objetivos misóginos. No entanto, acredito que, ao



compartilharem suas histórias, as mulheres abordam temas que dialogam profundamente com questões femininas que não estão necessariamente ligadas à docilidade e à submissão. Assim, ao refletir sobre isso, me questiono: quais são as manifestações do feminino que o patriarcado tenta esconder ou distorcer para manter as mulheres sob controle?

Desse modo, este ensaio tem o objetivo de apresentar alguns momentos em que percebi como o diálogo entre o feminino e o feminismo guiou o meu processo criativo em Artes Cênicas durante o referido Laboratório de Criação.

PROCESSO CRIATIVO

Logo nos primeiros dias do Laboratório de Criação, intuitivamente, senti de levar o *Oráculo da Deusa*, de Amy Sophia Marashinsky (2007), para compartilhar com as outras mulheres um pouco da minha pesquisa e das imagens arquetípicas que me guiam no cotidiano. Foi uma experiência incrível, pois todas se abriram a esse conhecimento, e cada uma de nós tirou uma carta.

Para minha confirmação, tirei Lakshmi – a deusa hindu da abundância – e pude perceber a força e a bênção dessa missão que estou vivendo com a minha pesquisa. Ao contemplar essa imagem arquetípica, senti a certeza de que estou no caminho certo e de que tenho o que preciso para seguir em frente, sem depender economicamente de um homem. Ser uma mulher com autonomia financeira, especialmente enquanto estudo, é um privilégio que me permite ser livre para tomar decisões conscientes.

Lakshmi aparece na sua vida para dizer que é hora de alimentar a totalidade reconhecendo e vivendo a abundância. [...] Quando você se abre ao fluxo, torna-se parte dele e o atrai para si. Quando se conscientiza da abundância em sua vida em todas as suas firmas – amizade, saúde, família, amor, beleza, talento, bom humor, etc. –, você poderá atraí-la conscientemente (Marashinsky, 2007, p. 116).



FIGURA 1
Prática com o *Oráculo da Deusa*, de Amy Sophia Marashinsky.

Nesse mesmo dia, em que nos conectamos às imagens arquetípicas das deusas, menstruei. O sangue que desceu entre minhas pernas mexeu em águas profundas, me ajudou a recordar minha natureza cíclica, me lembrou os processos mensais de morte e renascimento que fazem parte da vivência feminina. Essa experiência me permitiu sentir uma intensa conexão com as mulheres, os ritmos da natureza e as histórias que estavam sendo compartilhadas. Acredito que o ventre seja uma expressão profunda do feminino, que manifesta a potência criadora das mulheres, tanto no sentido biológico quanto no simbólico.

Porém, lembrei-me também de que, ao longo da minha vida, ouvi diversas interpretações dos mitos difundidos pelo patriarcado, nos quais a menstruação é vista como herança do pecado



original, como se, por essa antiga culpa, as mulheres carregassem as dores das cólicas e as marcas da impureza em seus corpos durante esse período. Silvia Federici (2017), ao analisar a relação entre a caça às bruxas e o acúmulo de capital, conclui que a perseguição às mulheres acusadas de bruxaria desempenhou um papel crucial na reorganização das relações de trabalho e especialmente sobre a reprodução, ou seja, sobre o ventre que gera vida, que sangra e que guarda em si potência criadora.

A caça às bruxas aprofundou a divisão entre mulheres e homens, inculcou nos homens o medo do poder das mulheres e destruiu um universo de práticas, crenças e sujeitos sociais cuja existência era incompatível com a disciplina do trabalho capitalista, definindo assim os principais elementos da reprodução social (Federici, 2017, p. 294).

Desse modo, a caça às bruxas serviu para controlar as mulheres, reforçando a divisão sexual do trabalho e consolidando um modelo econômico baseado na mercantilização de seus corpos. Portanto, o patriarcado reconhece a força feminina e, ao longo da história, os sistemas de poder político, religioso, social e econômico desenvolvem diversas formas de controlá-la, como ainda aponta Federici:

Se consideramos o contexto histórico no qual se produziu a caça às bruxas, o gênero e a classe das acusadas, bem como os efeitos da perseguição, podemos concluir que a caça às bruxas na Europa foi um ataque à resistência que as mulheres apresentaram contra a difusão das relações capitalistas e contra o poder que obtiveram em virtude da sua sexualidade, de seu controle sobre a reprodução e de sua capacidade de cura.

A caça às bruxas foi também instrumento de construção de uma nova ordem patriarcal em que os corpos das mulheres, seu trabalho e seus poderes sexuais e reprodutivos foram colocados sob o controle do Estado e transformados em recursos econômicos (Federici, 2017, p. 305-306).

E é assim que, até os dias de hoje, o nosso ventre é controlado, pois mulheres que optam por não ter filhos ainda são frequentemente estigmatizadas como egoístas, imorais, pecadoras ou até



mesmo perigosas. E posso falar isso com propriedade, pois já senti em minha pele. No entanto, acredito que, para resistirmos às forças externas de dominação e controle do patriarcado, recorremos à nossa potência interna, à força que pulsa em nosso ventre.

Já na ementa do Laboratório de Criação, fui convidada a mergulhar em *Um Teto Todo Seu*, de Virginia Woolf (2014), e foi pedido também que trouxéssemos um trecho dessa obra, uma música e a história de uma mulher real, memorizados.

À medida que fui me aprofundando nas páginas do livro, senti que aquele teto também me pertencia, oferecendo abrigo à jornada que estou vivendo. Assim como a personagem de Woolf, com o afastamento para estudo, estou tendo a oportunidade de me dedicar à missão de pesquisar aquilo que pulsa em meu ventre. Então, percebi que queria conectar seu texto à minha própria história e pesquisa. Portanto, a escolha do trecho que memorizei refletiu as várias camadas do momento que estava vivendo.

Optei por memorizar a passagem do diário de Woolf de 4 de janeiro de 1929, pois a escrita em diários é uma ferramenta poderosa para desvendar as subjetividades das mulheres e dialoga diretamente com o que busco na minha pesquisa. Além disso, me identifiquei profundamente com a escrita íntima de Virginia, na qual são revelados questionamentos sobre a transitoriedade da vida, porque eu estava lá, entre Fortaleza e Salvador, entre o amor que esperava e a missão que chamava, sempre dizendo adeus.

E então, a vida é sólida ou mutável? Estou tomada pelas duas contradições. Tem sido assim desde sempre; vai ser assim para sempre; isso tem a ver com o âmago do mundo – este momento em que me encontro. E também é transitório, breve, diáfano. Passarei como uma nuvem sobre as ondas. Talvez seja porque, embora nós mudemos, um voo depois do outro, tão rápido, tão rápido, ainda assim somos sucessivos e contínuos, nós, seres humanos, e vemos a luz. Mas que luz é essa? Fico impressionada com a transitoriedade da vida humana a ponto de estar sempre dizendo adeus – como após o jantar com Roger, por exemplo; ou calculando quantas vezes mais verei Nessa (Woolf, 2014, p. 178-179).



Em minha pesquisa de mestrado, que ainda está em desenvolvimento no PPGAC/UFBA, busco traçar possíveis diálogos entre a comicidade feminina e a teoria dos arquétipos pela abordagem da psicologia feminina. Por isso, escolhi a música “Janaína”, de Michele Tajra (2012). Essa música, além de evocar a imagem arquetípica de Yemanjá, que permeia toda a minha vida, ressoou diretamente em minhas memórias e me transportou para o mar da Praia de Iracema, em Fortaleza, cenário da história que intuí narrar durante o processo criativo do Laboratório de Criação.

*Eu vou fazer
Uma oferenda
Para Yemanjá
E os meus cabelos
Vou molhar no mar
Espero a onda chegar
Vou mergulhar
No mar da mãe sereia
Janaína
Vem abençoar
Yéyé Omó Ejá

Longe de ti
Não sei ficar
Amanheço o dia
Com o seu chamado
Rainha do mar
Tu és minha guia
Me ilumina
E me faz cantar*

(Michele Tajra, 2012)

O recorte da minha vida que escolhi levar à cena começou com uma amizade colorida em cada detalhe, que, oito anos depois, se transformou em um grande amor. Um amor digno de cinema, que chegou justamente quando eu já sabia da minha aprovação na seleção para o Mestrado do



PPGAC/UFBA e apenas aguardava o fim da greve das universidades para iniciar minha mudança para Salvador. Mas quem manda no coração? Ainda mais porque esse não foi apenas um amor – foi uma experiência que me fez acreditar novamente no amor, ou talvez conhecê-lo verdadeiramente. Um amor subversivo e intenso, protetor como o colo de Yemanjá e perigoso como o próprio mar.

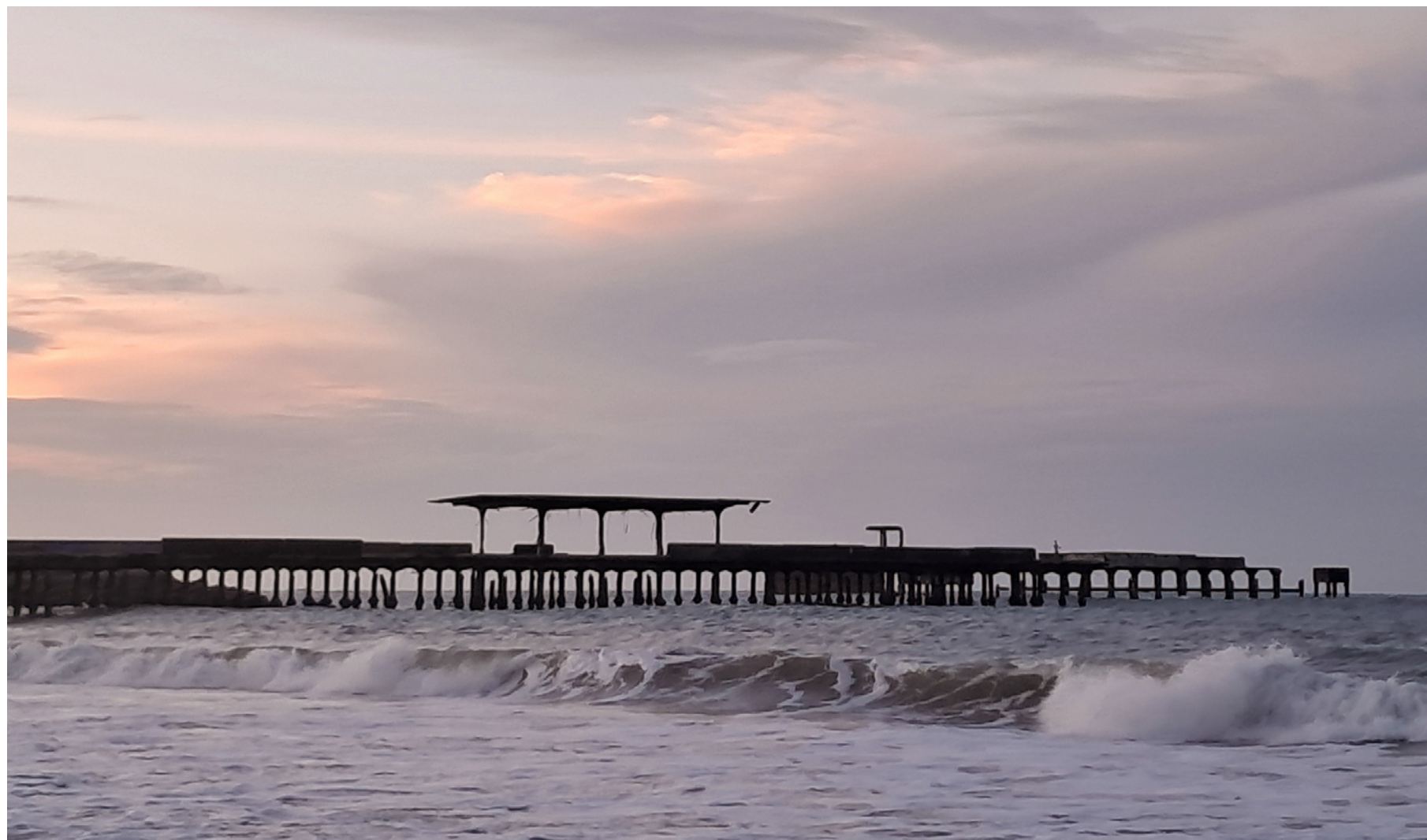


FIGURA 2

Ponte Metálica localizada na Praia de Iracema, Fortaleza, Ceará.

Mas como narrar as dores e as delícias que vivi nesses meses entre Fortaleza e Salvador? Como descrever o caos de estar no epicentro do surto de alguém que eu amava tanto? Não foi fácil. O que eu mais temia aconteceu: ele caiu. Vi todos os nossos planos afundarem e me vi à deriva em alto-mar. Foram noites de angústia. E, antes do silêncio definitivo da internação, uma breve conversa trouxe tanto respostas quanto dúvidas ao meu coração. E após esse corte abrupto, restava-me apenas seguir a intuição: nadar em direção a terra firme.

Não foi nada fácil levar à cena a história do amor que vivi. Durante o processo criativo, fui bombardeada pelas vozes das outras mulheres, tomada por uma enxurrada de emoções. Chorei inúmeras vezes e, em alguns momentos, me senti completamente perdida, sem saber como seguir adiante. Se eu estava narrando um grande amor interrompido por delírios e alucinações, e sendo os fatos dessa história ainda desconexos, como não seria a abstração o caminho mais adequado para guiar a poética da minha dramaturgia?

Dois meses depois do Laboratório de Criação, viajei para Fortaleza e conversei com alguns amigos e familiares que estavam acompanhando toda essa história de perto. Foi então que comecei a compreender o que realmente havia acontecido. Os fatos que chegaram até mim organizaram meus pensamentos e sentimentos. Assim, se o processo de criação dessa dramaturgia tivesse acontecido após a minha ida a Fortaleza, talvez houvesse mais fatos e menos abstrações, e sua poética seria guiada por novos sentimentos, desvendando um outro final. Porém, naquele momento do passado, isso era impossível.

Hoje, posso dizer que Salvador me salvou, curou a dor desse amor e me acolheu de braços abertos. Sou muito grata por não ter acompanhado esses eventos mais de perto, teria sido ainda mais doloroso e talvez bem perigoso. Estar nesta cidade me possibilitou manter o foco na minha pesquisa, a cuidar de mim e a vivenciar tudo o que estivesse em meu destino.



FIGURA 3
Autorretrato
na casa de
Yemanjá
localizada no
Rio Vermelho,
em Salvador.



Por isso, sinto a necessidade de compartilhar o trecho de uma música que me lembra da honra que é ser acolhida na área protegida por Yemanjá: o Rio Vermelho, o lugar que escolhi para ser meu novo e temporário lar. E, embora a música “Rio Vermelho”, de Melly e Russo Passapusso (2024)¹, não tenha feito parte da cena que criei para o *Sarau Criar Vozes Narrar Mulheres*, ela foi essencial no meu processo criativo.

*Deixa isso pra lá
Se o tempo passa
Pra que se desesperar?
Deixa isso pra lá
E amanhã, sei que tu nem vai lembrar
Nem vai lembrar
Manda notícias se virá
Vou respirar pra não pirar
Quando eu mandei tu se virar
Foi pra te ver, te admirar
Nossa ferida vai sarar quando eu cair na água do mar
Com a maré cheia, Lua cheia e você chega
Sara tudo, sara tudo (o que será?)*

(Melly; Russo Passapusso, 2024)

Durante os encontros do Laboratório de Criação, debatemos alguns textos, entre eles “Por que a sexualidade é trabalho”, do livro *O Ponto Zero da Revolução*, de Silvia Federici (2019), e, ao me aprofundar nessa leitura, a história desse amor ressoou novamente em mim. Mesmo tendo vivido, por alguns meses, entre Fortaleza e Salvador, no auge do nosso amor, pude experimentar uma relação na qual meu prazer era valorizado e minha sexualidade podia ser vivenciada de forma plena, única e respeitosa.

Desde cedo, aprendi que o amor deve trazer mais orgasmos aos nossos corpos do que lágrimas aos nossos olhos. Se o amor exige maturidade, o sexo também exige. Se o amor é troca, o sexo também é. Porém, de acordo com Silvia Federici:

¹ MELLY; PASSAPUSSO, Russo. *Rio Vermelho*. Amaríssima. Som Livre. 2024.



FIGURA 4

Cry Ray, o *drink* autoral criado por ele, em uma noite perfeita.

Mas a principal razão pela qual nós não podemos desfrutar do prazer que a sexualidade pode proporcionar é que, para as mulheres, sexo é trabalho. Proporcionar prazer para os homens é uma parte essencial do que se espera de todas as mulheres. A liberdade sexual não ajuda. [...] Agora, esperam que tenhamos um trabalho assalariado, que continuemos a limpar a casa e a ter crianças e que, ao final de uma jornada dupla de trabalho, estejamos prontas para pular na cama e sermos sexualmente atraentes. Para as mulheres, o direito de ter sexo é o dever de fazer sexo e gostar disso (algo que não é esperado da maioria dos trabalhos) (Federici, 2019, p. 58).

Federici escreveu isso em 1975, mas acredito que, meio século depois, o mínimo que uma mulher deve exigir ao se relacionar com um homem é ser bem atendida sexualmente, porque, do contrário, não vale a pena mesmo. Posso não ser uma referência – ou talvez possa –, mas considero



inadmissível que uma mulher com autonomia financeira, conhecimento sobre feminismo e conexão com as diversas faces do seu feminino se submeta a um relacionamento com um homem que não a trate bem em diversos aspectos. Seguindo o pensamento de Joice Aglae Brondani (2020, p. 215), “Precisamos fazer a sociedade entender que uma mulher que prefere ficar só do que ser maltratada não é ‘mal-amada’, não é ‘azeda’, é, sim, uma mulher com coragem”.

Assim, para criar uma cena inspirada em *Por que a sexualidade é trabalho* para o *Sarau Criar Vozes Narrar Mulheres*, guiei-me pela comicidade feminina e pela potência do riso para levantar questionamentos como: por que algumas mulheres fingem orgasmos? Como essas mulheres podem alcançar o prazer se fingem que já o tiveram? O que faz com que as mulheres tenham medo de buscar o próprio prazer? Por que algumas mulheres insistem em se relacionar com homens que não sabem proporcionar prazer? Por que tantas mulheres têm receio de dizer aos homens que proporcionar prazer é o mínimo esperado para também recebê-lo?

Posto isso, acredito que a comicidade feminina possibilita uma reflexão crítica sobre o lugar social das mulheres, e que o riso é um meio para abordar tabus e subverter os papéis de gênero, pois, segundo Brondani (2022, p. 198), “O riso mexe com nosso organismo, balançando todo o nosso baixo ventre e trazendo à tona uma coletividade de compartilhamento”. Então, se não gozamos durante o sexo, por que não podemos ao menos rir disso? Afinal, existe algo mais ridículo do que fingir um orgasmo? Portanto, além de abrir espaço para discutir questões relacionadas ao feminino e ao feminismo, o riso também é uma forma de prazer. E, particularmente, é a minha maneira de não sucumbir ao sistema patriarcal, pois, como afirma Wlândia Beatriz Pires Correia (2020):

Rir é como dizer: sim! Aceito sair daqui. De alguma forma, em algum momento...
O riso mobiliza, move, movimenta, conduz a alma para outro lugar. Desloca!
O riso e o entusiasmo como que nos levam a viver outro estado de alma.
Conecta-nos com outras perspectivas. O riso parece desconstruir em alguma medida a dor, a inflexibilidade, as certezas e a rigidez (Correia, 2020, p. 250).

Assim como Eva foi protagonista do pecado original, reforçando a ideia de que sentir prazer era errado, houve uma outra figura feminina que foi demonizada nos mitos difundidos pelo patriarcado por reivindicar seu prazer: Lilith, que também inspirou o processo criativo dessa cena. De acordo com a pesquisadora Mirella Faur (2016):

Lilith, a deusa suméria da sexualidade. Mencionada nos antigos mitos hebreus como a primeira mulher de Adão. Lilith, assim como Adão, foi criada do barro, portanto desfrutando dos mesmos direitos que ele. Adão, no entanto, queria que ela fosse submissa, ficando por debaixo dele durante o ato sexual. Lilith rebelou-se e fugiu, escondendo-se às margens do Mar Vermelho. Deus criou então Eva da costela de Adão, que, por não lhe ser igual, devia acatar sua supremacia, obedecendo às suas regras patriarcais (Faur, 2016, p. 416).

Assim, acredito que a busca pelo prazer – seja sexual, criativo ou emocional – nos reconecta com a força do ventre e subverte a ideia de que o nosso corpo deve servir ao patriarcado. A imagem arquetípica de Lilith influenciou profundamente meu processo criativo. Sua presença é tão marcante no meu cotidiano que decidi tatuá-la, em uma representação exclusiva criada pelo tatuador Ticiano Alvares, a partir de leituras e referências que compartilhei com ele. Para mim, Lilith representa liberdade, sexualidade, força e mistério. Tê-la em minha pele me lembra sobre a importância de sempre buscar minha independência como mulher e de lutar contra as imposições do patriarcado. Sua energia me inspira, permeia minha arte e meu modo de estar no mundo.



FIGURA 5
Minha tatuagem da Deusa
Lilith feita por Ticiano Alvares.



Nesse sentido, Barbara Koltuv (2017) aponta que:

A tradicional forma patriarcal do matrimônio, preferida por Adão, na qual o homem sustenta as qualidades “masculinas” de atividade e domínio, enquanto a mulher sustenta as qualidades “femininas” da dependência e submissão, tem, como resultado, a opressão da mulher e seu encarceramento, impedindo-a de tornar-se ela mesma. Para crescer e se desenvolver psicologicamente, uma mulher precisa integrar as qualidades de liberdade, movimento e instintividade de Lilith.

Lilith é aquela qualidade pela qual uma mulher se nega a ser aprisionada num relacionamento. Ela não deseja a igualdade e a uniformidade no sentido de identidade ou fusão, mas os mesmos direitos de se mover, mudar e ser ela própria (Koltuv, 2017, p. 44).

Em sua mitologia original, Lilith rompe com ciclos de opressão, liberta-se de dinâmicas abusivas e resgata sua autonomia e autenticidade. Dessa forma, a conexão com essa imagem arquetípica possibilita uma reflexão profunda sobre a permanência em relacionamentos abusivos que impedem as mulheres de serem quem realmente são.

Posto isso, gostaria de compartilhar um trecho da música "Fetichê", de Baco Exu do Blues (2024), que, além de guiar algumas reflexões sobre o texto de Federici, me inspirou a me conectar com a força de Lilith – aquela que encara as sombras, reconhece que seu corpo foi castigado pelo patriarcado, mas recusa a opressão e busca seu prazer.

*Quanto tesão você consegue segurar?
Deixa eu te provocar pra ver sua reação
Cordas no seu corpo de decoração
Afogou minha língua,
eu estou em navegação
Ela teria quem quisesse,
mas me pediu para ser seu dono
Para ser seu par, para não parar,
pra continuar*

*Precisava de alguém que ouvisse
as suas taras
E conseguisse te aceitar
Não, não, não vou te julgar, amor
Admita que é puta, mas só para mim
Não, não, não vou te julgar, amor
Eu sei aproveitar o lado que você
achava que era ruim*

(Baco Exu do Blues, 2024)



Desse modo, em um sistema que sempre impôs regras sobre a sexualidade feminina e os papéis de gênero, ser livre para buscar o próprio prazer é um ato revolucionário, pois, quando as mulheres reconhecem e reivindicam sua potência – seja na sexualidade ou na arte –, desafiam as estruturas patriarcais que as limitam.

Para Federici (2017, p. 319), “a bruxa era um símbolo vivo do ‘mundo ao contrário’, uma imagem recorrente na literatura da Idade Média, vinculada a aspirações milenares de subversão da ordem social”. Nesse mesmo sentido, Brondani afirma que:

As mulheres bufonas, *comicas* e palhaças então, estavam/estão aliadas a uma força poderosa de desestruturação social, cuja potência era/é inimiga de qualquer instituição religiosa que prega que Eva veio da costela de Adão, que a mulher foi criada para servir ao homem, que divulga a submissão da esposa ao marido, que coloca o sexo como pecado original da mulher e exige uma castidade social unilateral, colocando a procriação como uma obrigação da mulher, o que impõe a ela uma conduta de privação e submissão. O riso relativiza qualquer estrutura hierárquica e, com isso, liberta das amarras institucionais de poder. O riso tem seu lugar ímpar na história da Mulher, ele nos proporcionou uma profissão, com pagamento, pela primeira vez na história europeia e ocidental. Sim, é necessário lembrar e afirmar – nossa revolução começou com o riso! (Brondani, 2022, p. 199).

Ou seja, as bruxas, assim como algumas mulheres cômicas, são subversivas. Elas se conectam à força de seus ventres, tomam posse de seus corpos e narrativas, buscam o prazer sustentadas na potência do riso, e inevitavelmente desafiam a repressão patriarcal. Dessa forma, a comicidade feminina surge como uma possibilidade de transformar a dor em empoderamento, permitindo que as mulheres questionem e enfrentem os papéis de gênero impostos. Afinal, o que é mais assustador para o patriarcado: a risada de uma bruxa ou a bruxaria de uma palhaça?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o Laboratório de Criação trouxe dias de trocas intensas e a oportunidade de compartilhar e refletir sobre as diversas perspectivas do que é ser mulher. Estar somente entre mulheres, em um ambiente seguro, debatendo textos feministas, sabendo que nossa criação estava protegida e que nossas vozes, histórias e subjetividades estavam sendo acolhidas e valorizadas ao longo do processo criativo, despertou em mim a sensação de estar em um círculo de mulheres da Tradição da Deusa, mesmo estando em um espaço acadêmico.

Além disso, estar em cena com essas mulheres no *Sarau Criar Vozes Narrar Mulheres* e ser orientada pela professora Meran Vargues foi uma experiência extremamente poderosa. Foi a prova concreta de que a força do ventre feminino, pulsando coletivamente, pode dar vida a obras significativas, autênticas e intensamente viscerais – e não apenas gerar futuras mãos de obra para servir ao capital.

Diante disso, acredito que a linha entre feminismo e feminino é muito tênue em processos criativos tão intensos como os das artes cênicas e que precisamos cada vez mais observar as possibilidades desse diálogo dentro e fora da cena.

FIGURA 6

Autorretrato no espelho do camarim antes de entrarmos em cena.





REFERÊNCIAS

- » BACO EXU DO BLUES. "Fetichê". **Fetichê**. Sony Music Entertainment Brasil, 2024
- » BRONDANI, Joice Aglae. A mulher: corpo colonizado e ações decolonialistas. *In*: BRONDANI, Joice Aglae (org.). **Práticas Decoloniais nas Artes da Cena**. São Paulo: Giostri Editora, 2020. p. 209-223.
- » BRONDANI, Joice Aglae. Bufonas, cômicas e palhaças: o riso que nos foi proibido. *In*: WUO, Ana; BRUM, Daiani. **Palhaças na Universidade: Pesquisas sobre Palhaçaria Feita por Mulheres e as Práticas Feministas em Âmbitos Acadêmicos**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2022. p. 195-208.
- » CORREIA, Wlândia Beatriz Pires. Mito, riso e imaginação: uma fala. *In*: BRONDANI, Joice Aglae (org.). **Mulher, Mito, Riso e Cena**. São Paulo: Giostri Editora, 2020. p. 227-252.
- » FAUR, Mirella. **O Anuário da Grande Mãe**: guia prático de rituais para celebrar a Deusa. 2. ed. São Paulo: Editora Alfabeto, 2016.
- » FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- » FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- » KOLTUV, Barbara Black. **O Livro de Lilith**: o resgate do lado sombrio do Feminino Universal. Tradução: Rubens Rusche. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.
- » MARASHINSKY, Amy Sophia. **O Oráculo da Deusa**: um novo método de adivinhação. Tradução: Zilda Hutchinson Schild Silva. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.
- » TAJRA, Michele . **Janaína**. Intérprete: Banda Fulô da Aurora. Cabôco. 2012.
- » TIBURI, Marcia. **Feminismo em Comum**: Para Todas, Todes e Todos. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- » WOOLF, Virginia. **Um Teto Todo Seu**. Tradução: Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.